

OS 
AVENTUREIROS

NA ILHA MISTERIOSA

ISABEL RICARDO

ILUSTRAÇÃO DE CAPA: TIAGO DA SILVA
ILUSTRAÇÕES DE INTERIORES: ISABEL ALVES

OS AVENTUREIROS ESTÃO DE VOLTA!

Vem conhecer OS AVENTUREIROS: Bia, João, Daniel, Cris e Tó Jú.

A coleção que transporta os leitores para aventuras excitantes em lugares fantásticos. E, para além de cativar os jovens para a leitura, ainda ajuda à divulgação do património português.

Com narrativas repletas de ação, humor e mistério, estimula a imaginação, e esse é um dos motivos por que os professores a recomendam, principalmente para os 5º, 6º e 7º anos. Cativando diferentes idades, OS AVENTUREIROS já apaixonaram milhares de leitores desde 1999, que se tornaram fãs incondicionais e transmitem essa paixão às novas gerações.

Junta-te aos AVENTUREIROS e mergulha nestas aventuras empolgantes.

Mas, cuidado: não vais conseguir parar de ler!

Para saberes mais sobre estes jovens destemidos, consulta a página da autora: www.isabelricardo.com e visita a página de Facebook:

www.facebook.com/SerieOsAventureiros

E-mail para leitores: aventureiros@isabelricardo.com

E-mail para professores: encontroscomaautora@isabelricardo.com





PREFÁCIO

Queridos leitores, este é o quarto livro da série OS AVENTUREIROS. Tal como os livros anteriores, constitui uma história completa. Os outros são OS AVENTUREIROS NA GRUTA DO TESOURO, OS AVENTUREIROS NO RIO SUBTERRÂNEO e OS AVENTUREIROS E O ENIGMA DA LAGOA.

Neste livro o Tó Jú, a Bia, o Daniel, o Cris e, como não podia deixar de ser, o *João*, irão envolver-se numa perigosa aventura.

Desta vez irão conhecer a Berlenga Grande, um sítio mágico e maravilhoso que, juntamente com as Estelas e os Farilhões, formam o Arquipélago das Berlengas. Vão adorar conhecer a ilha, aqui e, quem sabe, mais tarde, na realidade. Eu só vos digo que quando a conhecerem não deixarão de sonhar com ela. A Ilha da Berlenga é tal e qual como eu escrevo neste livro. É urgente preservá-la, pois é um tesouro.

Quanto às Ilhas Selvagens, tudo o que eu escrevi existe, exceto, claro, o *tesouro* da ilha, que é fruto da minha imaginação. Em frente da tal gruta existem mesmo tubarões, devido à força da corrente. Quanto aos golfinhos, também os há por lá e resolvi criar a personagem do *Gil*, pois adoro golfinhos. Tal como conto no livro, sempre que veem barcos, tentam acompanhá-los. Sentem uma atração irresistível por tudo o que nos diga respeito. Ninguém sabe o porquê da ligação que sentem por nós, mas é uma realidade. Houve casos em que salvaram pessoas de morrerem afogadas. São o único animal que ataca o tubarão e já os atacaram para salvar pessoas.

Tal como os outros livros, deu-me um prazer enorme escrevê-lo.

Espero que se divirtam tanto com OS AVENTUREIROS NA ILHA MISTERIOSA, como se divertiram com os anteriores.

Um grande abraço da vossa amiga

A handwritten signature in cursive script that reads "Isabel Ricardo". The signature is written in a dark ink and is positioned on the right side of the page.

Um abraço especial aos alunos e professores da E.B./S Henrique Sommer, Maceira, E.B. Evaristo Nogueira, S. Romão, E.B. 2, 3 Dr. Abranches Ferrão, Arrifana, E.B. Tourais/Paranhos, E.B. 2, 3 Guilherme Correia de Carvalho, Seia, E.B. 2, 3 Dr. Reis Leitão, Loriga, E.B. 2, 3 João Pedro de Andrade, Ponte de Sor, E.B. 2,3 Dr. Correia Alexandre, Caranguejeira, Escola Básica Integrada de Colmeias, Leiria, E.B. 2, 3 José Maria dos Santos, Pinhal Novo, EB 1, 2, 3 Augusto Moreno, Bragança, Escola Secundária de Sampaio, Sesimbra.

Ao Agrupamento de Escolas do Entroncamento, Agrupamento de Escolas de Nisa e Agrupamento de Escolas de Vila Nova da Barquinha.

À E.B.1 José Matos Fortuna, Quinta do Anjo, Palmela, Centro Escolar das Árvores, Vila Real, Centro Escolar de Santa Maria, Bragança. Escolas Básicas de Pêro Negro, Sobral, Sapatarias e Almargem, Sobral de Monte Agraço, Alguber, Chão de Sapo, Murteira, Figueiros, Dagorda, Sobrena, Vilar, Vermelha, Cadaval, Cotovia, Castelo, Sesimbra. E.B.1/J.I. do Casal dos Apréstimos, Ramada, E.B.1 João Villaret, Odivelas, E.B.1 S. João da Talha, E.B. Bartolomeu Dias, Sacavém.



CAPÍTULO I

Férias!

— **P**ai, tens de nos dizer qual é a surpresa. Não aguento mais!

Bia, de treze anos, de engraçadas sardas no nariz, remexia-se no banco, inquieta. Parecia estar sentada em cima de alfinetes.

Um homem de rosto simpático deu uma gargalhada, sem desviar os olhos da estrada.

— Pior p'ra ti, pois eu só vou dizer em casa da Cristina — respondeu o pai, olhando-a divertido pelo espelho retrovisor do carro.

Iam a caminho da Nazaré. Finalmente, tinham chegado as férias do verão e os dois irmãos iam passar grande parte delas na bonita praia, onde tinham família.

Um corvo de olhar esperto, bico forte e brilhantes penas, tão negras que lançavam reflexos azuis quando o sol lhes batia, estava poisado no ombro da rapariga. Pertencia-lhe e era esperto como tudo, mas ai de quem lhe não caísse nas suas boas graças. Consegua ser arrelizador até dizer basta.

«Oo-láá!», fez ele, num tom muito educado, levantando a cabeça com o «Oo» e baixando-a com o «láá!», o que costumava divertir toda a gente. Para seu grande escândalo, ninguém lhe ligou.

— Oh! Que maldade, pai! Pelo menos não tivesses dito nada quando saímos de casa. És mesmo arrelizador! Estávamos só a pensar que íamos passar um mês inteirinho à praia.

Cris sorriu com ar condescendente, o que irritou a irmã que lhe deu uma cotovelada.

— Parem lá com isso os dois, senão deixo-os a pé!

Os filhos pararam imediatamente, pois bem sabiam que ele era capaz de cumprir o prometido se lhe desse na cabeça.

Cris também estava roído de curiosidade, mas não o demonstrava como a irmã.

— Estou mortinha p'ra ver o Daniel e o Tó Jú! Já não os vemos desde as férias da Páscoa, quando tivemos aquela aventura fantástica na Lagoa de Óbidos!¹ — lembrou Bia, com os olhos verdes a brilharem de emoção.

— Já disseste isso mais de mil vezes! — observou o irmão, arreliador. Tinha catorze anos e era muito louro.

Bia deitou-lhe um olhar de esguelha.

— E tu, não, querem lá ver...

Cris riu-se.

— Está bem. Estava só a meter-me contigo. Também estou com muitas saudades daqueles dois — admitiu. Lembrou-se de como tinham conhecido os primos nas férias do verão anterior, quando os pais os tinham mandado para casa de uma tia na Nazaré que não viam há anos. De princípio, tinham antipatizado uns com os outros, mas depois haviam ficado grandes amigos, vivendo emocionantes aventuras que só tinham lido em livros.

«Olarila! Sim, senhor! Ora bem!», fez o corvo, colocando a cabeça de lado e fixando os seus olhos vivos em Bia, imitando uma tosezita discreta que ouvira a uma senhora. Não estava nada acostumado a que o ignorassem daquela maneira escandalosa.

A rapariga fez-lhe uma festa na cabeça.

— Só de imaginar as resmas de banhos que vou dar... — comentou Bia, com ar sonhador.

Miguel Soares riu-se.

João deu um valente arrote, provocando um franzir de sobrancelhas a Cris.

¹ N° 3 da coleção: *Os Aventureiros, O Enigma da Lagoa*. (Nota da Autora)



«Oh, perdão! Por favor, perdão! Oooooohh! Perdão!», fez João, parecendo muito consternado. Terminou com outro ar-roto ainda mais espetacular, olhando de lado para Cris, pois bem sabia que ele não gostava nada.

— *JOÃO!* Seu malcriado! Bia, tens de fazer alguma coisa!
O *João* está cada vez pior!

— Coitado, está tão excitado como nós! Ele bem sabe que vai ver o Tó Jú e o Daniel de novo! — observou Bia, fazendo-lhe cócegas debaixo do bico.

Cris abanou a cabeça.

— És mesmo doida! Como se o *João* soubesse isso...

Bia fez-lhe uma careta.

«Maroto! Mariola! Ora bem!», fez *João*, terminando com um estrondoso espirro que pareceu abanar o carro de ponta a ponta, pregando um enorme susto a Miguel que por pouco não saía da estrada.

— Senhor *João*, faça o favor de se portar bem, senão amarro-lhe o bico. Não me está nada a apetecer espetar-me contra uma árvore, e é o que acontecerá, se continuar a espirrar dessa maneira desavergonhada... — ralhou ele. Olhou pelo espelho retrovisor para os filhos. — E é claro que assim não poderia mostrar a surpresa a umas pessoas que eu cá sei...

— PAI! Estás a divertir-te às nossas custas!

Ele riu-se.

— Tiveram boas notas? — perguntou Cris, bem-disposto, enquanto abraçava os primos.

— Mais ou menos. E vocês?

— Também. *João*, cala-te! Não me deixas ouvir o que estou a dizer! — repreendeu Bia, rindo ao ver que o corvo ainda fazia mais barulho que eles todos juntos.

— Já pensava que não vinham! Estamos no portão há um tempão! — declarou Tó Jú, dando um abraço forte a Bia. Era o mais velho dos quatro, alto e forte, não tão moreno como o irmão.

— Não acham que está um calorão dos diabos?

— Se está! Só me apetece ‘tar de molho com’ o bacalhau!

«Ora bem! Sim, senhor!»

— Que corvo doido! — observou Daniel, invejando Bia pela centésima vez. Tinha treze anos, tal como ela, embora esta fosse mais velha uns meses. — Sabem a novidade? Temos um periquito!

— Coitado! Chego a ter pena dele, se o *João* der para embirrar com ele! Às tantas, fica mudo com o susto! — comentou Cris.

Toda a gente se riu.

Miguel empurrou-os à sua frente, sem cerimónia alguma, como se enxotasse galinhas para dentro do galinheiro.

— Que gralhas! Como é que conseguem ouvir-se uns aos outros, com todos a falarem ao mesmo tempo?!

Eles entraram a rir, com *João* aos berros. Foram dar com a mãe dos rapazes acabando a limpeza da cozinha, toda acalorada.

João voou-lhe para o ombro, com gritinhos de satisfação.

«Oo-láá! OO-LÁÁ!»

Cristina sorriu, ajudando-os com a bagagem.

— Meu grande mariola! Já tinha saudades tuas.

— Nem imagina, tia! Não se calou toda a viagem! Fartou-se de espirrar, tossir e arrotar; deixou-nos quase surdos! — informou Bia, encostando-se à bancada que brilhava como um espelho. Quase se podiam ver nela.

— Cheira aqui bem, a lavado! — observou Tó Jú, farejando o ar como um cão. O rapaz era conhecido por gostar dos cheiros mais malucos.

— Estive a lavar os móveis e aproveitei p’ra lavar o frigorífico por dentro, já que estava com a mão na massa... — informou Cristina, limpando as mãos a um pano, sorrindo.

João voou para a varanda da cozinha e poisou no tanque, com a cabeça de lado. Daniel acompanhou-o com o olhar.

— Mãe, onde está a gaiola? Queríamos mostrar o periquito ao *João*, para ver o que ele faz.

Ela olhou para a varanda. Virou-se para eles, desconcertada.

— Não... sei... Lavei a gaiola para aproveitar a água e voltei a arrumá-la...

Tó Jú abanou a cabeça, trocista, e dirigiu-se para o frigorífico. Uma grelha estava encostada ao lado.

— Disseste que estiveste a lavar também o frigorífico...?

Cristina fez um trejeito à boca, fazendo-os rir.

Ele abriu a porta e lá estava a gaiola com o periquito dentro...

— MÃE!! Até tiraste uma grelha p'ra fora para a gaiola caber lá dentro! Pobre periquito! Está todo arrepiado! — exclamou Tó Jú, com uma gargalhada. Pôs a gaiola na varanda, ao sol, e *João* foi logo dar uns dedos de conversa com ele.

Cristina mordeu o lábio, perplexa.

— ‘Tou cada vez pior! Ainda bem que a gaiola não cabe na abertura da máquina de lavar...

Desataram a rir às gargalhadas. Pouco tempo depois o pai dos rapazes chegou e sentaram-se todos à mesa, esfomeados.

— Pai, agora já podes contar qual é a surpresa que nos queres fazer! — pediu Bia, ansiosa.

Miguel fez um ar de mistério, mas a seguir sorriu.

— Vamos fazer um passeio muito especial. Passamos por Óbidos, Serra d’El-Rei, Atouguia da Baleia, Lourinhã (ao que sei, tem um museu espetacular de Dinossauros...). Passamos pela praia do Baleal e, quando chegarmos a Peniche, espera-nos lá uma grande surpresa — comunicou ele, fazendo uma pausa para o suspense. — Um barco que nos levará à Berlenga Grande, onde ficaremos uma semana no Forte de S. João Baptista.

As suas últimas palavras já foram acolhidas pelos gritos

excitados dos pequenos. É claro que *João* se juntara ao entusiasmo geral, provocando uma algazarra ainda maior. Os quatro pareciam ter enlouquecido de repente. Saltavam agarrados uns aos outros, parecendo maluquinhos.

Quim e Cristina sorriam ao ver o entusiasmo deles.

— Compraste-o, Miguel?

— Sim, consegui. Bem sabes a vontade que sempre tive de ter um barco só meu. É pequeno, mas confortável; o que interessa é que cabemos lá todos.

— Que ideia fixe, pai!

— Tinha pensado sairmos da Nazaré no barco, mas depois pensei melhor e decidi aproveitarmos melhor o passeio indo por sítios que eu tão bem conheço e que vocês não.

— Berlengas! — exclamou Daniel, com os olhos a brilhar. O som daquela palavra soava-lhe mágica aos ouvidos.

— Apetecia-me ir já p'ra lá, pai! Pai, vamos, sim? Vamos já para as Berlengas! Não consigo esperar até amanhã! Deve ser um espetáculo! — exclamou Bia, quase a sufocar com a alegria.

Miguel riu-se.

— Calma, minha menina. Já está tudo tratado. Vamos de carro até Peniche e de lá, ala! Partiremos amanhã muito cedo para aproveitarmos bem o dia.

O resto do dia pareceu-lhes interminável. Sentiam-se excitados de mais e *João* parecia ter sido contagiado por eles, pois estava pior do que o costume, imitando todos os sons que conhecia e deixando a mãe dos rapazes quase louca.

Finalmente, chegou a noite, para alívio dos adultos.

— Boa-noite, meninos! — gritou Bia, aos risinhos. — Amanhã, ala para as Berlengas!

— As Berlengas que se preparem! Aí vamos nós!

— Que fixe irmos passar lá uma semana!

— Vamos divertir-nos a valer!

João deu tamanho bocejo que fez abanar as camas de uma ponta à outra, provocando-lhes o riso.

— Boa-noite!

— Boa-noite!

«Boa-noite! Feliz Natal! Xô, melgas! Xô!»

Um coro de risadas divertidas saiu de ambos os quartos.



CAPÍTULO II

Que aconteceu de noite...?

O toque estridente de um telemóvel ecoou pela casa adormecida. Tocou só duas vezes, mas foi o suficiente para João acordar, repetindo baixinho o som.

Tó Jú acordou estremunhado, sem saber o que o acordara. Ouviu o toque do telefone imitado por João e uma voz em surdina. Apurou os ouvidos, mas nada conseguiu escutar. Esperou algum tempo e, quando estava quase a adormecer, viu um vulto à entrada do quarto. Levantou a cabeça, curioso.

— Tó Jú...? Estás acordado...?

O rapaz acendeu o candeeiro da mesa de cabeceira e olhou para Miguel, piscando os olhos, ensonado.

— Aconteceu alguma coisa, tio?

Ele foi sentar-se à beira da sua cama, baixando a cabeça para não bater no beliche de cima, onde Daniel dormia ferrado no sono. Tinha um ar mais sério do que o habitual.

— Não acordes os outros. Surgiu um imprevisto e vou ter de me ausentar. Vou desaparecer por uns tempos. Por isso, já não vou poder acompanhar-vos no passeio que tínhamos combinado — murmurou ele. Ao ver a desilusão na cara do rapaz, acrescentou: — Mas também não quero estragar-vos as férias. Além disso, já está tudo tratado com a vossa estadia na Fortaleza das Berlengas. Não podem faltar. Em Peniche, há barcos que habitualmente fazem os trajetos para a ilha. Deixo-vos dinheiro para os bilhetes e vocês desenrascam-se. Quanto ao passeio previsto, podem fazê-lo na mesma. Levam os vossos sacos-camas e podem acampar.

— Tenho pena de não poder ir também, tio.

— Imagina eu! Mas vou ter de sair imediatamente. Amanhã avisas os teus pais. Já lá fui ao quarto, mas não estão.

— O pai foi ao mar e a mãe deve ter ido ao porto de abrigo.

— Bem sei. Não te preocupes. Deixei-lhes uma carta a explicar tudo e tenho a certeza que vos deixarão ir na mesma. Se tudo correr bem, depois vou lá ter convosco. Ainda temos de nos divertir — disse Miguel, fingindo um bom humor que não sentia e o rapaz apercebeu-se disso. Pareceu-lhe que o tio estava muito mais preocupado do que deixava transparecer. — Vão andar tão entretidos com os banhos de mar que nem sentirão a minha falta. Depois conta tudo aos outros. Deixo um papel com o trajeto que tinha pensado. Se o quiserem seguir...

— Está bem, tio. Tenha cuidado!

Ele apertou-lhe a mão com força e saiu silencioso que nem um gato.

Algum tempo depois, ouviu-se a porta da rua bater.

O rapaz correu para a janela e viu o tio dirigir-se para o carro, não sem antes dar uma olhadela desconfiada em seu redor.

Tó Jú ficou à janela até ver o automóvel arrancar. O barulho do motor no silêncio da noite acordou os cães das redondezas que desataram a ladrar.

Voltou para dentro, apreensivo. Teve vontade de acordar os outros, mas conteve-se.

Deitou-se e fixou o olhar no teto. Demorou algum tempo a adormecer. A expressão do tio quando saíra de casa e olhara à sua volta ficara-lhe na ideia. Isso e a palavra que utilizara: *desaparecer*. Que teria acontecido de tão grave para ele sair de casa a meio da noite?!

Pela manhã, foi o último a despertar. Acordou assarapantado, duvidando do que acontecera de noite. Agora parecia-lhe ter sido um sonho.



Bia irrompeu pelo quarto dentro, com *João* agarrado ao ombro.

— Vocês querem saber de uma coisa intrigante? O carro desapareceu e ninguém sabe do pai! Parece que se evaporou!

Daniel parou de atar as sapatilhas e fitou-a, abismado.

Cris entrou, escutando a observação da irmã.

— És sempre a mesma, Bia! Vês mistério em tudo! Deve ter ido comprar qualquer coisa.

Tó Jú sentou-se, muito sério.

— Não foi, não. Ele esteve aqui durante a noite e conver-sou comigo. Recebeu um telefonema e saiu.

— Durante a noite...? Que estranho!

— Como é que eu não ouvi nada? — espantou-se Daniel.

— Ora! Estavas a rressonar! Fazias mais barulho do que uma manada de elefantes todos juntos!

Nisto, fez-se um silêncio desagradável e todos se entreo-lharam, com um ar fúnebre.

— Já não vamos às Berlengas! — exclamou Daniel, dizen-do exatamente o que ia na cabeça dos primos.

— Não! Vamos na mesma. O tio deixou isso bem claro. Só não poderemos ir com ele no barco que comprou. Iremos num dos barcos que fazem a viagem de Peniche para a ilha.

— A mãe não nos vai deixar ir sozinhos... — respondeu Daniel, cabisbaixo.

— Acho que deixará. O tio disse que lhe deixaria uma carta a explicar tudo. Já temos os lugares marcados na For-taleza das Berlengas e, se não formos, perderemos o di-nheiro que já foi pago. Ele disse que depois iria lá ter con-nosco e que iríamos divertir-nos a viajarmos de barco por aqueles lados.

Os quatro entreolharam-se com os olhos a brilhar.

Cristina apareceu à entrada da porta, com uma carta nas mãos.

— O Miguel teve de sair de repente, mas disse para não se preocuparem que depois se encontra convosco nas Berlengas. Não sei se me agrada a ideia de vocês irem sozinhos para Peniche e de seguida para as Berlengas...

— Que ideia, mãe! Nas Berlengas só há mar e gaivotas, ao que sei. Que nos poderia acontecer lá?

— Sei lá! Vocês têm uma pontaria para se meterem em trabalhos!

— Ó tia, por favor, deixe-nos ir! Por favor! — pediu Bia.

Ela olhou para eles com ar de dúvida, compadecendo-se do seu ar assustado. Acabou por sorrir.

— Está bem, mas ficarão em casa de uma das minhas tias de Peniche. Dormem lá e na manhã seguinte metem-se no barco.

E saiu tão repentinamente como entrara. Eles abraçaram-se aos pulos, mas sem fazerem barulho.

— Bestial!

— Só temos de ir saber os horários dos comboios. Amanhã partimos logo pela manhã e no outro dia: BERLENGAS!

Nessa noite mal dormiram, tal o entusiasmo que sentiam.

De manhã, o sol entrava a jorros pela janela, batendo-lhes nos rostos. Acordaram com as fortes gargalhadas de *João* que devia ter estado a fazer alguma malandrice das suas.

«Credo! Safa! Põe-te a pau! Põe-te a pau!», fez ele, acabando com um enorme arrote.

— Vamos ter de aguentar isto uma porção de tempo, pelo menos até ele aprender outra frase nova! — disse Bia, conformada.

— Bia, acho bem que avises o *João* para não se rir dessa maneira, senão o motorista não vos leva à estação — avisou Quim, morto de riso.

A rapariga riu-se, engolindo o pequeno-almoço à pressa.

Alguns minutos mais tarde pedalavam até à paragem dos autocarros, com as mochilas carregadas de coisas deliciosas. Esperaram impacientes que ele chegasse. Na mente de todos estava só uma palavra: BERLENGAS!